

# A INDÚSTRIA CULTURAL E A DESSUBLIMAÇÃO REGRESSIVA NA ATUALIDADE COMO UMA NECROPOLITICA

*Data de submissão: 12/09/2024*

*Data de aceite: 01/10/2024*

**Angélica Maria Alves Vasconcelos**

Doutoranda pela Pontifícia Universidade  
Católica de Goiás

**RESUMO:** O objetivo desse trabalho é abordar o conceito de necropolítica de Achille Mbembe e de dessublimação repressiva de Herbert Marcuse conectando-os com a concepção crítica que Adorno faz à Indústria Cultural como forma de desmancipação, alienação e aculturação racionalista. Na concepção de Adorno a racionalidade da técnica identifica-se com a racionalidade do próprio sistema. Essas considerações evidenciam que, o cinema, o rádio, a televisão, não devem ser tomados como arte, pelo fato de serem negócios, basta-lhes a ideologia dominante. Enquanto negócios, seus fins comerciais são realizados por meio de sistemática e programada exploração de bens considerados culturais. Tal exploração Adorno chama de “indústria cultural”. A indústria cultural visa substituir cultura de massa, pois esta induz à cilada que satisfaz os interesses dos detentores dos veículos de comunicação de massa. Esse trabalho nos instiga a refletir sobre como a barbárie

estética dos meios de comunicação no aspecto da arte e da cultura se faz presente no contexto social contemporâneo. Dessa forma, estamos diante de um processo em que o desenvolvimento da produção e reprodução midiática no cenário contemporâneo imprime a sensação de aparente liberdade política, econômica e moral. A liberdade de fato autônoma, de usar o próprio entendimento, tem cada vez mais se reduzido à esfera da vida privada, uma vez que as escolhas precisam ser adequadas às necessidades e exigências do sistema de produção. Adorno afirma: (1985, p.112) “a indústria cultural permanece a indústria da diversão. Seu controle sobre os consumidores é mediado pela diversão, e não é por um mero decreto que esta acaba por se destruir, mas pela hostilidade inerente ao princípio da diversão por tudo aquilo que seja mais do que ela própria”. Marcuse (1979, p.82) demonstra que: “Alienação artística é sublimação. Cria as imagens de condições que são irreconciliáveis com o Princípio da realidade, mas que como imagens culturais, tornam-se toleráveis, até mesmo edificantes e úteis. Agora essas imagens mentais estão invalidadas. Sua incorporação à cozinha, ao escritório, à loja; sua liberação para os

negócios e a distração é, sob certo aspecto, dessublimação – substituindo satisfação mediata por satisfação imediata”. Achille diz (2018, p.24) “O terror não está ligado exclusivamente à utópica crença no poder irrestrito da razão humana. Também está claramente relacionado a várias narrativas sobre a dominação e a emancipação apoiadas majoritariamente em concepções sobre verdade e o erro, o “real” e o simbólico herdados do iluminismo”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Indústria Cultural; Dessublimação Regressiva; Necropolítica; Indivíduo; Atualidade.

## **METODOLOGIA**

A análise é realizada através de uma pesquisa bibliográfica, com base na teoria crítica de Adorno, Marcuse e na obra do filósofo, teórico político e historiador camaronês Achille Mbembe.

Este artigo propõe argumentar sobre os conceitos da Indústria Cultural, da dessublimação regressiva e da necropolítica que permeiam as relações sociais de consumo na sociedade contemporânea.

O sentido de emancipação exige que a cultura e a arte desempenhem o papel de superar a persistente fetichização da técnica e a reificação das consciências, que se materializam enfaticamente e sem medida nas relações de produção e de consumo.

Mas o indivíduo acaba sendo seduzido por esse processo de inculcação de ideologias e novas formas de pensar e ver o mundo, voltadas para a adaptabilidade e conformidade. Trata-se da promessa de felicidade oferecida pela comercialização de bens materiais e culturais, num contexto em que a inserção social do indivíduo depende de sua identificação com os valores e produtos transformados em mercadoria, cuja necessidade de consumo é imposta pelos apelos da Indústria Cultural.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Marcuse examina criticamente esse conceito de dessublimação, argumentando que a sublimação é reprimida e distorcida pela lógica repressiva da civilização. Esse conceito de dessublimação, por sua vez, conduz a sociedade a reproduzir o que o poder hegemônico quer ao explorar a noção de sublimação, Marcuse questiona os efeitos dessa repressão à liberdade individual e a busca de alternativas que permitam uma sublimação autêntica e transformadora, capaz de desafiar as estruturas de poder e possibilitar uma vida mais plena e satisfatória.

Na filosofia crítica elaborada por Herbert Marcuse, a tecnologia desempenha um importante papel para a dinâmica social, uma vez que ela contém um potencial ambíguo, que a torna capaz de promover tanto a dominação e a exploração, quanto a emancipação e o florescimento dos indivíduos.

Ele afirma que a busca incessante por liberdade e autonomia pode se tornar uma doce ilusão. Também destaca que o sistema capitalista, ao mesmo tempo em que promove o progresso tecnológico, cria novas formas de controle e exploração. A liberação da energia do indivíduo, por meio do avanço tecnológico, muitas vezes é canalizada para o consumo desenfreado, a criação de carecimentos falsos e a conformidade aos padrões estabelecidos pela sociedade de consumo.

Nas palavras de Adorno (1985, p.115) "A Indústria Cultural não sublima, mas reprime". Para Adorno Indústria Cultural, se caracteriza como sua dimensão anti ou acultural, sendo uma forma de colonização, por sua vinculação com a moderna técnica (rádio, TV, cinema, fotografia, imprensa, arte, literatura etc. Assim, permite o aparecimento dessas instituições que, na sociedade industrial moderna, vendem e comercializam a cultura e fazem dela mercadoria que absorve as necessidades do sistema. Adorno afirma: (1985, p.108) "A indústria cultural acaba por colocar a imitação como algo de absoluto".

O objetivo da indústria cultural é homogeneizar e padronizar tudo e, para isso acontecer, ela não se preocupa com as diferenças de classes, de cor, de idade, de questão social. Pelo contrário, sua função, por ser cultura de massa, é atingir todos os grupos sociais, independentemente de elementos éticos, transformando em poderoso instrumento de controle e dominação. Instrumentaliza-se a capacidade do conhecimento e produção da arte. Usa-se a razão não necessariamente para o esclarecimento da humanidade, mas para o monopólio e domínio do poder.

"A barbárie estética consome hoje a ameaça que sempre pairou sobre as criações do espírito desde que foram reunidas e neutralizadas a título de cultura. Falar em cultura sempre foi contraditório á cultura" (Adorno, 1985, p.108).

Com isso, a cultura se transforma em utensilio de tal forma que ela se distancia da ação de contemplação, identidade e criticidade. Deixou de ser destaque da arte, e tornou-se em uma ilusão um entretenimento fútil, diversão. O teatro não é o acúmulo de capital cultural de conhecimento, de apreciação da arte, mas uma fuga da realidade, um lugar de prazer sem compromisso com o conhecimento.

Portanto, Adorno nos coloca uma questão: vive-se a cultura do entretenimento, a cultura das massas, da falsificação e ela tende a diminuir a qualidade estética do conteúdo crítico e reflexivo que a obra de arte oferece, para, ao contrário, produzir massificação e alienação dos indivíduos. A música que faz sucesso é aquela que serve a toda a massa, ou seja, aquela de menor qualidade intelectual.

De acordo com Adorno a produção da cultura passou a ter como principal finalidade o lucro, o capital. Esse processo de mercantilização da cultura tornou-se um obstáculo para que a arte exercesse autonomia de criticar a sociedade. Já que nesse processo ela passa, primeiramente pelo crivo pelos administradores e técnicos responsáveis por tornar os produtos mais rentáveis e aceitos pelos consumidores.

A cultura de massa como produto da indústria cultural se sustenta oferecendo divertimento e produzindo conformismo, mascarando os conflitos vivenciados e existentes na sociedade. O conformismo refere-se à aceitação, de forma passiva, da realidade social tal como mostrada nos meios sociais de comunicação, sem criticidade pelos indivíduos.

Assim o divertimento reforça a naturalização das situações de opressão e desigualdade apresentada nos filmes, nas novelas etc. Esse processo produz alienação e doutrinação das massas e funcionam como neutralizador de consciências dos indivíduos. Logo, a ideologia dominante, transmitida por esses meios de produção em massa, permite a reprodução das relações de dominação.

A Indústria Cultural constitui a fórmula medicinal moderna que a sociedade hegemônica encontrou para perpetuar-se. Essa passa a ser de fundamental importância e, até mesmo, essencial para a sobrevivência do sistema, criando possibilidades para a desmancipação dos indivíduos que estão, cada vez mais, dessencializados.

Ela trouxe como suporte a arte desvirtuada com mensagens e imagens falsas e felizes que aparentemente demonstra como verdade, no intuito de aliviar e enganar o caos da realidade. Neste patamar de “acervos” podemos inferir “o céu é o limite”.

O espaço tempo do consumidor, trabalhador e indivíduo é saturado com doses crescentes de poluição informativa, desnecessária e alienante, inevitável para essa modernidade. O aspecto patológico desse processo resulta na impotência de impor-se de forma inteligível aos conteúdos excessivos, degradados, que proliferam como células destrutivas no tecido da vida dos indivíduos na sociedade. Isso ocorre porque segundo Adorno (1985, p.113):

A diversão é o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio. Ela é procurada por quem quer escapar ao processo de trabalho mecanizado, para se pôr de novo em condições de enfrentá-lo. Mas, ao mesmo tempo, a mecanização atingiu um tal poderio sobre a pessoa em seu lazer e sobre a sua felicidade, ela determina tão profundamente a fabricação das mercadorias destinadas à diversão, que essa pessoa não pode mais perceber outra coisa senão as cópias que reproduzem o próprio processo de trabalho.

Dessa forma os indivíduos que, muitas vezes, são desprovidos de emancipação, não têm resistência para contrariar o sistema e assumir o seu destino. Eles ficam intoxicados de signos imagens, signos palavras, signos opiniões, signos juízos, signos estímulos, que os induzem a reproduzirem o que veem, transformando-se num círculo vicioso.

Isso é ocasionado por tratar-se de um mercado congestionado por produtos que não são necessários, por uma civilização que compra por comprar. Isso contribui para a sobrevivência dessa indústria, que manipula para melhor servir o mercado, numa lógica alienante, adaptativa e feliz. O discurso sobre este tipo de saber em migalhas, é, sobretudo, uma nova espécie de técnica de simplificação do conhecimento visando a instrumentalização racional.

A razão instrumental é proveniente da racionalização dos computadores e dos sintetizadores que se originam de uma ciência numérica, ordenadora, calculadora, em suma, formalizadora, pois a máquina é eficiente, não questiona e apenas obedece aos comandos. Essa forma de racionalidade autômata é transferida para o ser humano. Eis o paradoxo final: a verdade do mundo contemporâneo reside no fato de que os meios de massa, ultramodernos, são o veículo apropriado para emitir as mensagens mais irracionais. Nestas, todas as paixões e todos os delírios da imaginação se manifestam com violência e ignorância.

A modernidade está vinculada à indústria cultural que tem como fundamentação técnica e científica a capacidade de desviar dos caminhos da emancipação os indivíduos, levando-os para novos valores de desumanização, instrumentalização e dessencialização do ser.

A indústria Cultural segue com seu racionalismo instrumental onde sua abstração se dá na técnica e resulta na passividade do indivíduo de conduzi-lo e estimulá-lo ao mais grotesco voluntarismo crítico. E Isso é condicionado quanto a razão automatizada, pois o indivíduo reitera-se as regras somente de quem os domina efetuando a degradação reflexiva.

Nesse discurso hegemônico de forma instrumental articula argumentos doutrinários de pacificação, aceitação e de submissão da realidade que impõe a não resistência. O que é preciso pensar e fazer é uma educação como “produção de uma consciência verdadeira” (ADORNO, 2020, p. 141), cuja implicação política seria grande: uma democracia que funcione e opere de acordo com seu conceito “demanda pessoas emancipadas” (ADORNO, 2020, p. 142) e seria uma verdadeira democracia.

“Assim, tenta-se simplesmente começar despertando a consciência quanto a que os homens são enganados de modo permanente, pois hoje em dia o mecanismo da ausência de emancipação é o mundus vult decipi em âmbito planetário, de que o mundo quer ser enganado” (ADORNO, 2020, p. 183).

Adorno refere-se (2020, p. 16) “A educação já não diz respeito meramente a formação da consciência de si, ao aperfeiçoamento moral, à conscientização. É preciso escapar das armadilhas de um enfoque “subjetivista” da subjetividade na sociedade capitalista burguesa”.

Para o filósofo o problema maior é julgar-se esclarecido sem sê-lo, sem dar-se conta da falsidade de sua própria condição. Dessa forma Marcuse destaca que a sublimação, quando repressiva, resulta em um desvio das pulsões para formas de expressão que são controladas e direcionadas pela sociedade dominante.

Essa repressão da sublimação limita a liberdade e perpetua a estrutura de poder existente, que direciona as pulsões e carecimentos individuais para atividades que servem aos interesses da sociedade industrial avançada e capitalista, ao invés de permitir uma expressão plena e autêntica do indivíduo.

Na verdade, o que pretende o sistema é transformar a mentalidade dos indivíduos e não a situação que os oprime, e, isto, se dá para que o poder os domine, adaptando-os à esta situação.

A questão está em que pensar autenticamente e criticamente é perigoso. Mas, perigoso para quem? Apenas para aqueles que veem como ameaça a transformação dos indivíduos, uma vez que eles são os únicos beneficiados pela situação vigente.

Os que detém o poder sentem-se ameaçados pelo pensar autêntico, por isso renegam a comunicação e impõem suas concepções aos outros, com o propósito de manter estático o estado de coisas a seu favor.

Ao mesmo tempo percebe-se o que a necropolítica é uma forma de extermínio dos mais carentes, por meio do descaso e da opressão. Extrapolando para a sociedade o conceito da Necropolítica vemos que a instrumentalização da razão é também uma forma de “morte”, pois os indivíduos, neste sistema de dominação, são incapazes de pensar, analisar e criticar. de certa forma, estão “mortos” dentro do sistema.

Há uma correlação entre a Dessublimação Repressiva, a Necropolítica e a Indústria Cultural, ou seja, se o sistema impede o indivíduo de pensar e transformar sua realidade, nunca sairá de sua situação de desmancipado, ou “morto” intelectualmente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A necropolítica é a capacidade de estabelecer parâmetros em que a submissão da vida pela morte está legitimada. Para Mbembe, a necropolítica não se dá só por uma instrumentalização da vida, mas também pela destruição dos corpos. Não é só deixar morrer, é fazer morrer também.

Essa política nutre-se do amor à morte (pela desigualdade social, preconceitos e falta de oportunidades) e não amor à vida. Banaliza a educação, garantindo o pensamento e o discurso alienado do indivíduo, ou seja, a política da morte como estratégia eficaz de controle das consciências. Mbembe p.22,23 “Ao mesmo tempo, uma nova sensibilidade cultural emerge na qual matar é um prolongamento do jogo. Aparecem formas de crueldade mais íntimas, sinistras e lentas.”

A necropolítica, que em seu real significado é uma política de morte, extrapolada para a educação é um instrumento de manutenção da ignorância, “extermínio” das consciências aplicado a certos grupos minoritários.

Com base na indústria cultural que propicia no indivíduo a dessublimação regressiva constitui-se uma necropolítica social. Dessa forma observa-se que na atualidade o sistema configura e controla o exercício do poder no nível de vida (oportunidade) e de morte (exclusão). Quem tem o poder tem soberania e determina a situação da outra parte.

No mecanismo mental, a tensão entre o que é desejado e o que é permitido parece consideravelmente reduzida e o princípio da realidade não mais parece exigir uma transformação arrasadora e dolorosa das necessidades instintivas. O indivíduo deve adaptar-se a um mundo que não parece exigir a negação de suas necessidades mais íntimas – um mundo que não é essencialmente hostil (Marcuse, 1979, p.83).

A “necropolítica” da sociedade é tanto um meio de alcançar a soberania e manter controle dos subjugados, como também uma forma de exercer o direito de “matar” (excluir) o direito a uma educação de qualidade e que atenda a todos.

Na atualidade, nossa educação abdica da obrigação de formação de sujeitos críticos e emancipados. Adorno cita:

Portanto, a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nessa direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contestação e para a resistência. (ADORNO, 2020 p.200).

O ser humano é fortemente afetado pela indústria cultural e pela industrialização que massifica, aliena e transfigura esse indivíduo num ser reprodutivo, técnico e adaptativo como uma máquina que somente faz o que lhe pedem. Portanto Marcuse diz: “Os produtos doutrina e manipulam: promovem uma falsa consciência que é imune à sua falsidade”. (Marcuse, 1979, p.32).

Diante disso, justificamos não somente a importância, mas sobretudo a pertinência de centrarmos nossa reflexão no tema da pesquisa que é: **A NECROPOLÍTICA, A INDÚSTRIA CULTURAL E A DESSUBLIMAÇÃO REGRESSIVA NA ATUALIDADE**. A fim de mostrar que a presente pesquisa se fundamenta na Teoria Crítica Franckfurtiana em especial nas análises elaboradas por Herbert Marcuse e Adorno a respeito da sociedade técnico-industrial e a sua ideologia em prol do progresso em detrimento da humanização e emancipação.

Tal estágio conduziu os indivíduos a retrocederem aos estágios mais regressivos que é determinado por Marcuse por dessublimação regressiva. **O conceito de “dessublimação regressiva”** “é: anular ou reduzir o caráter sublime de algo ou alguém. Permite compreender a dinâmica da sociedade contemporânea que, por um lado, possibilita uma maior “liberdade” e satisfação das necessidades, ao mesmo tempo em que, por outro lado, essa “liberdade” atua como um poderoso instrumento de dominação, sendo absorvida pelo sistema, ...

No entanto, Herbert Marcuse nos alerta para as limitações desse ideal de liberdade e autonomia proporcionado pelo progresso tecnológico. Ele argumenta que, apesar do suposto tempo livre conquistado por meio dessas inovações, novas formas de exploração emergem e nem sempre estão relacionadas ao trabalho diretamente.

Em contrapartida, a razão não-repressiva viabiliza uma nova racionalidade de gratificação, em que a razão e a felicidade se convergem.

“a regressão se tornou tão efetiva que, para o reprimido, assume a forma (ilusória) de liberdade, a abolição de tal liberdade prontamente se manifesta como um ato totalitário”

Qual é a consequência desse estágio de dessublimação regressiva? Segundo Marcuse: A consequência desse estágio é tornar consciências felizes e acríticas.

A indústria cultural traz em sua essência elementos característicos do mundo industrial moderno por exemplo: o próprio ócio do homem é utilizado com o intuito de mecanizá-lo, a diversão e o lazer tornam um prolongamento do trabalho.

Assim a mecanização conquistou tamanho poder sobre o homem, durante o tempo livre e sobre sua falsa felicidade, determinando a fabricação dos produtos para a distração. O suposto conteúdo dos produtos são fachadas e ilusões que o impede de ser autônomo, independente de julgar e de decidir conscientemente.

Nas palavras de Adorno (1985, p.115): “A indústria cultural não sublima, mas reprime. Expondo repetidamente o objeto de desejo, ela apenas excita o prazer preliminar não sublimado que o hábito da renúncia há muito mutilou e reduziu ao masoquismo”.

A desesencialização do ser aliada com a dessublimação regressiva do indivíduo contribui eficazmente para a necropolítica acontecer, que extrapolando para a nossa análise falsifica as relações entre os homens, bem como os homens com a natureza de tal forma que o resultado constitui uma espécie de organização social para que o indivíduo compreenda sua condição de mero consumidor, ou seja ele é tão somente um objeto daquela indústria.

Fica evidente que não estamos no âmbito da política emancipatória, mas da Necropolítica social que pode ser definida pelo momento em que as autoridades ou mesmo o sistema, cria-se necessidades ao consumidor que deve contentar-se com o que lhe é oferecido. Assim o compromisso eficaz da necropolítica é a luta a favor da morte do sujeito crítico e dessublimado.

Essa política de morte (intelectual e social) tolhe a consciência das massas e instaura o poder da mecanização sobre o homem. Ela produz uma violência por meio da implantação de seu comércio fraudulento, no qual os consumidores são continuamente enganados em relação ao que lhes é prometido.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

ADORNO e HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

MARCUSE, *Herbert. A Ideologia da Sociedade Industrial: O Homem Unidimensional*. Trad. Beacon Press Boston, E.U.A. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1979.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica. Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. 1 ed. Rio de Janeiro: 2018.